

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ará.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e, VII e 14.

Diretor-Geral
Paulo Cabral de Araújo

Diretor-Superintendente
Edilson Cid Varella

Diretor-Responsável
Ari Cunha

Editor-Geral
Ronaldo Martins Junqueira

Gerente-Geral
Alberto de Sá Filho

Gerente Financeiro
Evaristo de Oliveira

Gerente Técnico
Ari Lopes Cunha

Gerente Comercial
Mauricio Dinepi

A guinada de Berna

A decisão dos dez países mais ricos de promover a integração do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento com o Fundo Monetário Internacional, a fim de tornar harmônicas e convergentes as atividades das duas instituições, concederá às nações endividadas mais amplo acesso ao crédito para o reequilíbrio de seus compromissos externos. Em Berna, onde estão reunidos os representantes das sociedades industrializadas do Ocidente — Estados Unidos, Canadá, Japão, Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental, França, Itália, Holanda, Bélgica e Suécia —, o encontro acolheu como tema nuclear o problema da dívida externa dos integrantes do Terceiro Mundo.

Por falta de articulação entre o Bird e o FMI, a Argentina deixou, recentemente, de receber significativa ajuda externa para o seu programa de estabilização econômica, pois as duas agências internacionais divergiram quanto à viabilidade técnica do pedido. Para, além do esforço integrativo dos maiores agentes do crédito internacional, prevalecer a consciência de que os parceiros terceiro-mundistas jamais sairão do atoleiro se persistirem os critérios ortodoxos de cobrança da dívida externa e de sua inscrição como débito pendente.

Numa iniciativa umbilicalmente filiada a tal ordem de raciocínio, mas aparentemente isolada do contexto de Berna, o Banco Mundial decidiu conceder aos países endi-

vidados 25 por cento de seus fundos disponíveis. Os recursos serão destinados aos programas pertinentes à retomada do crescimento econômico, sob a forma de empréstimos a longo prazo, com o fim de aumentar o potencial econômico dos devedores em face dos pesadíssimos encargos da dívida externa.

A mudança no comportamento das sociedades industrializadas, de que é exemplo o atual encontro de Berna, e das agências oficiais postas no monitoramento do crédito internacional, são sinais de que se firma com nitidez a compreensão mais lúcida sobre o endividamento externo. Quando o Bird se propõe a financiar programas de desenvolvimento econômico é porque já concluiu que a recessão, a *piece de resistance* do receituário do Fundo, fracassou como modelo para reordenar as economias em dificuldades. Lastima-se que tal conclusão tenha tardado tanto, pois, de outra forma, ter-se-iam evitado os sangrentos acontecimentos da Venezuela e as graves desordens e saques na Argentina.

Alterar táticas de ação para não agravar os acontecimentos e aliviar encargos é necessário, mas não suficiente. As mudanças de agora deveriam colocar-se como prenúncio de uma reformulação estrutural de todo o sistema, de modo que a circulação do crédito internacional não gerasse disfunções catastróficas como o crescente empobrecimento dos países do Terceiro Mundo.